



no.com.br, 05 de Julho de 2001

[◀ voltar](#)

A vingança do trabalhador

Jan Theophilo <jan@no.com.br>

Convidado de um amigo sociólogo, o professor de História Antiga Marcos Alvito entrou pela primeira vez na Penitenciária Lemos de Brito, no Rio, em meados de 1995. Ao passar pelo portão, uma estatueta de São Jorge despertou sua atenção e ele resolveu desenhá-la num caderninho. Foi o bastante para que um furioso carcereiro saltasse sobre ele, acusando-o de estar elaborando um plano de fuga. “Eu era um peixinho de aquário. Aquilo me deu um choque de realidade semelhante ao de um tapa na cara”, recorda-se. Naquele momento Marcus resolveu abandonar seu projeto de doutorado para dedicar-se à realidade das favelas do Rio de Janeiro, e seis anos depois da “dura” que recebeu na prisão, entrega à praça, pela editora da Fundação Getúlio Vargas, “As cores de Acari – uma favela carioca”, uma das mais completas radiografias da comunidade de 25 mil moradores. tida como das mais violentas da cidade.

Marcos fazia o curso de doutorado em Antropologia Social da USP disposto a comparar o papel destinado às mulheres em Atenas e Esparta. “A tese já tinha umas 200 páginas e estava ficando bonitinha. Mas a verdade é que me apaixonei pelo tema da favela. Descobri que Homero está aqui, Ésquilo está aqui”, diz ele referindo-se às características trágicas e até mitológicas de alguns personagens que encontrou em Acari.

São, como diz Alvito, “relatos de grandes chefes que brotam em meio a situações de desordem absoluta como uma espécie de personificação da ordem”, diz ele. Histórias de alguns dos mais famosos líderes do tráfico de drogas de Acari, como Tonicão, que passeava pela favela mandando as crianças para a escola e dissolvia rodinhas de bate-papo formadas por mulheres alegando que ali “era o nascedouro de todas as fofocas”. Seu sucessor, Jorge Luís, tinha mais de 20 mulheres – 12 consideradas principais – e três dezenas de filhos. Chegou a construir uma piscina comunitária na favela. “O que impressiona é que histórias como as deles são facilmente encontráveis em inúmeras favelas cariocas”, conta Marcos.

Mas o que se destaca em “As cores de Acari” é a detalhada análise que Alvíto faz dos principais elementos que compõem uma favela carioca: o tráfico de drogas, a polícia, as lideranças comunitárias, as igrejas pentecostais e as diversas manifestações culturais. “Sempre me diziam que a favela era um bicho de sete cabeças. Eu tentei identificar cada uma delas e suas relações”, diz. O autor descreve com rara precisão as complicadas relações de troca entre líderes comunitários, políticos e traficantes de drogas – há uma passagem onde ele narra um encontro onde uma dessas lideranças despacha assuntos da comunidade com o famoso traficante Cy de Acari dentro de uma prisão.

A mudança de faixa etária dos traficantes também foi alvo da investigação do autor. “Uma alteração não apenas na idade dos traficantes mas, principalmente, no tipo de comportamento deles”, conta. Se no fim dos anos 70 até meados dos anos 80 o perfil do traficante era de um homem entre os 20 e 30 anos (“malandro respeitado na comunidade”), hoje o contingente dos soldados do tráfico reúne tropas ainda muito jovens. Marcos atribui essa mudança à radicalização da repressão. “Hoje, com a polícia entrando três vezes por dia na favela, a dinâmica é diferente. Você precisa da garotada de 15 anos, cheia de gás, correndo para cima e para baixo de walkie talkie na mão. Saímos do ritmo lento da maconha para o ritmo alucinante da cocaína”.

O título “As cores de Acari” é uma referência às três “forças” em conflito na favela: os azuis (a PM), os vermelhos (integrantes da facção Comando Vermelho) e os verdes (o Terceiro Comando). Com a tinta do livro ainda fresca, Marcos recebeu a reportagem de **no.** para uma conversa sobre o livro. Leia abaixo alguns dos principais pontos desta entrevista.

Como foi a experiência de passar seis anos estudando uma favela carioca?

Olha, algum tempo depois de começar a pesquisa eu fiquei realmente apavorado. Tudo o que eu tinha levantado parecia um enorme quebra-cabeças que não fazia o menor sentido. Vou dar um exemplo para você entender. Eu gostava muito de ir a uma determinada associação de moradores que tinha uma presidente muito faladeira. Ao lado dela sempre estava uma senhora de cara feia, que quase nunca abria a boca. Um belo dia a presidente me contou que aquela mulher era a melhor cobradora da associação. Anotei, embora me parecesse uma informação irrelevante. Não conseguia acreditar que uma figura carrancuda como aquela pudesse ter sucesso em um função tão ingrata.

Depois da morte do Jorge Luís, a polícia estourou umas casas onde ele guardava armas, drogas, etc. Fui a uma dessas operações e de quem era a casa? Daquela mulher, que eu descobri ser sogra do Jorge Luís. Então, quando ela batia na porta da casa das pessoas, era como se fosse o próprio

Jorge Luís cobrando. Ela fazia parte da corte dele. Na verdade, não era carrancuda como eu pensava, era marrenta mesmo.

O que mais o surpreendeu ao longo da pesquisa?

Entender como funcionam as finanças da favela. Depois que a polícia invadiu Acari, várias lojas e bares da rua principal, que estavam no caminho da boca de fumo, simplesmente fecharam. Parecia que a aquela área toda perto do “movimento” tinha entrado em liquidação. Você andava na rua e via inúmeros anúncios de venda de fornos de microondas e bicicletas. É uma situação difícil, onde você tem que construir os mecanismos de pesquisa ali mesmo.

Tinha um cara chamado Guiomar que fazia churrasquinho numa barraquinha bem na entrada da maior boca de fumo de Acari. O pessoal passava a noite fumando maconha e comendo os churrasquinhos dele. Um dia percebi que o movimento da barraca refletia a quantidade de gente que havia estado na boca naquele dia. Antes da ocupação ele chegava a vender até 300 churrasquinhos por dia – até porque os caras do tráfico compravam às vezes 10, 20 churrasquinhos. Depois da chegada da polícia, ele passou a vender somente uns 20 por dia. Acabou largando a barraquinha e hoje parece que montou uma venda em outro lugar.

O senhor teve a oportunidade de acompanhar o cotidiano de uma comunidade que foi marcada pela violência e que hoje convive com uma longa ocupação policial. Qual o balanço que faz desse tipo de ação?

A ocupação policial em si é menos violenta que a operação policial. Na pior fase de Acari, tínhamos um ritmo de 2 até 3 operações por dia na favela. A ocupação é violenta e é desrespeitadora dos direitos humanos sim, mas normalmente mais para as pessoas que têm envolvimento com o tráfico. Porque quando a polícia fica lá dentro acaba sabendo quem é quem.

Mas quando a polícia entrou para valer e o tráfico fugiu da favela, aconteceu uma situação curiosa. O grosso do pessoal do tráfico, aqueles que não pegam em armas mas fazem pequenos serviços como endolação (preparação dos papelotes de cocaína) ou são aviõezinhos por exemplo, continuaram em Acari e muitos trataram de arranjar trabalho. Aí houve uma espécie de vingança dos trabalhadores contra os bandidos. Eles, que tinham o hábito de derramar dinheiro, de pagar tudo para todo mundo, passaram a andar de cabeça baixa. Mas os trabalhadores continuavam a ganhar aquele dinheiro pingado de sempre. O mais importante sobre essa questão é que, enquanto a polícia age de forma civilizada, o tráfico fica sem moral para voltar para a comunidade.

Quais foram as principais transformações no tráfico de drogas de Acari que o senhor pôde observar?

Um mudança que já ocorre há muito tempo e que não é apenas de faixa etária, nem é exclusividade de Acari. No fim dos anos 70 e durante parte dos anos 80, você ia às bocas de fumo e encontrava homens de barba na cara. Pessoas de 20 a 30 anos, muitos com filhos. Eles eram pessoas que tinham palavra, que eram conhecidas na comunidade. Hoje, em função do dinamismo da coisa e pelo aumento da repressão policial, esses chefes não podem mais ficar pela favela dando na vista.

Hoje a relação do tráfico é outra, não é uma relação de legitimidade. É de terror, de imposição pelo medo. O tráfico pode ajudar, dar dinheiro, o que quiser, mas ele não é mais sentido como um poder justo. A violência passa a ser terror quando ela se torna imprevisível, quando pode acontecer a qualquer momento e sobre qualquer pessoa. Percebi que hoje em dia ninguém mais trata o chefe do tráfico pelo nome como antigamente. Ele não tem mais rosto. Por isso essa passagem não é apenas etária. Ela corresponde a uma mudança total, a uma perda de uma certa legitimidade para o reino do terror.

O que levou a essa mudança?

A radicalização da repressão ao tráfico de drogas. Hoje em dia, você tem uma geração que já é criada dentro do tráfico no pior sentido da palavra. Porque o “movimento” sempre existiu, mas de maneira diferente. Os relatos do tráfico nos anos 50 em Acari referem-se a transações entre os malandros da época, que jamais venderiam para crianças, por exemplo. Não era propriamente um negócio. O próprio Cy de Acari, apesar de ter sido um traficante famoso, souou para ser um dos primeiros caras da favela a comprar um Fusca. A partir dos anos 80 é que começa a entrar dinheiro pesado. A liderança deixou de ser um malandro respeitado e passou a ser um cara montado em dinheiro e em armas.

Esses jovens também são mais facilmente manipuláveis, são mais descartáveis. Até porque um grande chefe sempre representa um risco. Ele pode se fortalecer, conseguir outro distribuidor, ou mesmo efetivamente organizar o crime. Quando a polícia entrava de 15 em 15 dias na favela, você tinha dois caras de quase 30 anos na boca – todos bandidos antigos, fumando maconha. Hoje, com a polícia entrando três vezes por dia, é bem diferente. Você precisa é da garotada de 15 anos mesmo. Todo mundo cheio de gás, correndo para cima e para baixo de walkie talkie na mão. Saímos do ritmo lento da maconha para o ritmo alucinante da cocaína.

Em seu livro, o senhor deu muita importância aos laços sociais das micro-áreas, os bairros das favelas, que explicariam até alguns conflitos entre quadrilhas. Como o senhor analisa situações como a de Vigário Geral e Parada de Lucas, favelas geminadas, mas separadas por uma rua que a lei do tráfico proíbe os moradores de atravessar?

Vigário Geral e Parada de Lucas são apenas a história mais conhecida de uma situação que ocorre em dezenas de favelas do Rio. O Parque Acari foi criado para ser uma vila operária. Foi loteado, possui ruas largas. Essa é a favela mais antiga, formada por pessoas que trabalhavam nas fábricas abertas na região depois da Segunda Guerra Mundial. Com o tempo, moradores mais pobres invadiram os sítios que haviam em volta da vila. Começaram a surgir barracões de zinco, ruas sem esgoto. Logo começaram a dizer que quando o pessoal de lá vinha para o lado de cá, aconteciam assaltos, estupros. Quando estourou a primeira grande guerra do tráfico, o Cy saiu do Parque Acari para enfrentar o Marreta, do Coroadó, uma dessas comunidades que vieram depois. Então, rivalidades que já vinham de criança somente acirraram as guerras de quadrilhas. Você muitas vezes constrói uma rivalidade bélica, perigosa, em cima de absolutas bobagens.

No livro, o senhor descreve muito bem como é complexa a relação dos líderes comunitários das favelas com o poder público e os traficantes. Esse tipo de modelo de organização comunitária está totalmente viciado ou ele ainda traz alguma esperança?

O retrato que traço no livro é de até 1998. Mas posso falar à vontade sobre a realidade de 1998 para cá. Pela permanência da polícia em Acari, a dinâmica de poder melhorou um pouco. No livro, eu conto a história de um desses líderes comunitários que chegava a ir ao presídio para despachar com o traficante. Dois anos atrás ele teve que convocar eleições. E foi vencido. Quem entrou no lugar dele foi uma senhora idosa, Dona Rita, que veio de trabalhos com creches na favela. Eu tenho tido muitas notícias de surgimento de novas lideranças. Pessoas que nunca trabalharam como lideranças comunitárias estão montando chapas nas comunidades e isso é positivo. Mas o caldo de cultura que permite o surgimento dessas lideranças é a existência de uma comunidade. São os laços, os vínculos, uma identidade. Com o desaparecimento da presença cotidiana do tráfico, isso está sendo aos poucos reconstruído. Começam a surgir times de futebol, festa junina, danças. Tudo isso em Acari ainda está se reencontrando. Eles ganharam um novo espaço, que é a rua.

Uma coisa que me chamou a atenção foi que todas as lideranças citadas em seu livro são ligadas a partidos de centro. A esquerda não entra em Acari?

Ela entra agora. Com a ocupação policial, qualquer um pode fazer política lá dentro. Antes, era muito difícil um candidato entrar numa comunidade sem o apoio dos líderes do tráfico. Eles arrancavam faixas, davam porrada nos cabos eleitorais. Ninguém nem se arriscava porque todo mundo sabia que não iria durar 15 minutos. Não havia clima para um cara da oposição fazer qualquer campanha. Não havia liberdade de associação na época braba. Hoje, já tem gente de esquerda entrando, mas ainda é difícil. Se você não

tem um trabalho ligado à educação e à saúde, aí não entra mesmo. Impossível é querer romper a barreira fazendo festa, comício com artista, distribuir brindes.

Como estudioso da Grécia Antiga, você percebeu tons mitológicos em muitas das pessoas que encontrou lá?

A Grécia me ajudou a perceber que eu de fato encontrava muitos relatos mitológicos. O Tonicão andava pela rua. Era visto todo dia de manhã, dando dinheiro para um comprar pão, dando bronca em criança que não estava na escola. Histórias como a dele, eu encontrei em inúmeras favelas cariocas. São relatos de chefes que brotam em meio a situações de desordem absoluta como uma espécie de personificação da ordem. E das histórias desses chefes, quais as que ficam na tradição oral da comunidade? Aquelas que são mais representativas de valores, que dizem mais para a coletividade. Entre esses mitos dos chefes de tráfico dos anos 70, 80, encontramos sempre a mesma história: um cara bom, honesto, que muitas vezes tinha sido trabalhador mas só depois caiu no crime. O Jorge Luis, por exemplo, era enfermeiro. Mas reza a lenda que ele se revoltou e entrou para o tráfico porque um dia, quando saía de madrugada de casa para o trabalho, foi parado pela polícia e tomou vários tapas na cara. Através da pesquisa constatei que quando ocorreu esse incidente, ele já trabalhava na endolação do tráfico.

Como foi abandonar os estudos clássicos para se dedicar a um tema tão espinhoso como a realidade das favelas?

Por incrível que pareça, o que me preparou muito para entrar nesse universo foi a Grécia Antiga. Eu lia muito sobre heróis, mitologia. Até hoje recomendo aos meus alunos que leiam a Ilíada, a Odisséia, como se fossem um livro de aventura. Lá não tem especulação. A própria reflexão do Homero ele esconde nos poemas através de ações. É como se fossem parábolas. Ele conta histórias e a combinação dessas histórias te leva a pensar em alguma coisa. E aquela vida, aquele dinamismo, aquela força que eu via nas histórias da Grécia, encontrei na realidade de Acari. Eu comecei a ver um caráter trágico, dramático naquilo tudo.

O cara que acorda às 5h em Acari para carregar caixas no Ceasa a R\$ 0,50 a caixa e no fim do dia entrega o quanto conseguiu para a mulher poder fazer a feira e comprar o almoço, é um sujeito que conquista a vida cotidianamente. Ele não tem nenhuma expectativa quanto a se vai estar vivo amanhã, ou daqui a um mês. Isso provoca nessas pessoas uma humildade que se manifesta no conhecimento de que em algum instante qualquer coisa pode acontecer. Uma humildade que está resumida numa frase de sabedoria fantástica que a gente ouve o povo falar mas que entra muitas vezes como ruído na nossa comunicação: até amanhã, se Deus quiser.

Copyright © 2000 no.com.br

no.com.br

Av. Presidente Wilson 231, sala 603
20030-021 Rio de Janeiro RJ
tel +55 21 3804 7750

Av. Brigadeiro Faria Lima 2179, 7º andar
01452-000 São Paulo SP
tel +55 11 3811 4107

SHN - Quadra 2 - Bloco E - sobreloja 60
70710-908 Brasília DF
tel +55 61 327 6091

no@no.com.br